

## VIOLÊNCIA EXPRESSA E IMPRESSA: GREVE E REPRESSÃO POLICIAL NO CEARÁ NOS ANOS 1980

Francisco Alexandre Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo faz parte de uma pesquisa sobre a experiência de luta dos trabalhadores têxteis da fábrica Finobrasa, nos anos 1980 em Fortaleza, com ênfase na greve ocorrida no mês de maio de 1988. A greve teve duração de 23 dias, sendo a primeira protagonizada pelos trabalhadores da empresa. Na documentação sobre a mesma, emerge um conteúdo de embates, tensões e violência, quando estiveram envolvidos, além dos trabalhadores em greve e administração da empresa, várias outras instituições e indivíduos, tais como: Polícia Militar, Governo do Estado, membros da Igreja Católica, políticos, Poder Judiciário e militantes de movimentos sociais. Neste trabalho, o foco da investigação se dirige para repressão contra os trabalhadores, as práticas de solidariedade com os grevistas, e a violência praticada pela Polícia Militar, expressa por meio de narrativas e impressa nos jornais da imprensa comercial do Ceará. No decorrer do trabalho, utilizo fontes de natureza oral, hemerográfica, sindical e bibliográfica. Ao realizar um estudo com esta perspectiva, espera-se contribuir com a historiografia que investiga a criminalização do movimento operário por parte das instituições repressivas do Estado.

**Palavras-Chave:** Trabalhadores, greve e repressão policial.

### EXPRESSED AND PRINTED VIOLENCE: STRIKE AND POLICE FORCE REPRESSION IN CEARÁ IN THE EIGHTIES (1980'S)

### ABSTRACT

This article is part of a research on the experience and the memories of Finobrasa textile factory workers struggles in the 1980's in Fortaleza, with emphasis on the strike that happened in May of 1988. The strike lasted 23 days. The first one occurred in the company itself. In the documentation on the same, emerges a content of conflicts, tension and violence with the involvement of the company's workers, administration as well as several other institutions and individuals such as: The Military Police of the State of Ceará, the State governor, members of the Catholic Church, politicians, Judiciary Officials and militants of social movements. In this paper, the focus of the research will be directed to repression against the workers, the practical solidarity with the strikers, and violence by Military Police expressed by means of narratives and printed in different newspapers of Ceará. The paper will be supported and backed by oral sources, newspapers sources, trade union sources and bibliographical references. By carrying out a study like this, it is hoped that such paper contributes to the historiography that investigates the criminalization of the working class movement caused by repressive state-run institutions

**Key-words:** Workers, strike and police force repression.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pela UFC. E-mail: [franciscoalexandre.gomes@gmail.com](mailto:franciscoalexandre.gomes@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo integra uma pesquisa realizada no Mestrado em História Social da UFC<sup>2</sup>, onde o foco da investigação se dirige para experiência e memórias de luta dos trabalhadores têxteis em Fortaleza, com ênfase nos operários da fábrica Finobrasa<sup>3</sup>, no período de 1987 a 1991. O objetivo principal consiste em identificar a natureza dos conflitos entre operários e empresa, bem como, compreender as circunstâncias em que os trabalhadores atuaram como sujeitos coletivos na construção de uma greve que teve duração de 23 dias em maio de 1988.

Esta greve recebeu cobertura da imprensa em Fortaleza, como se observa no noticiário dos jornais em circulação no período: Diário do Nordeste, O Povo, O Estado e Tribuna do Ceará. Na pesquisa nos jornais, quanto nos demais documentos que tratam da greve, emerge um conteúdo de embates, tensões e violência, quando estiveram envolvidos, além dos trabalhadores em greve e administração da empresa, várias outras instituições, tais como: Polícia Militar, Governo do Estado, membros da Igreja Católica, Prefeitura de Fortaleza, Poder Judiciário, parlamentares e militantes de movimentos sociais.

Neste trabalho, o foco da análise se dirige para repressão sofrida pelos trabalhadores, as práticas de solidariedade com os grevistas, e a violência praticada pela Polícia Militar, expressa por meio de narrativas e impressa nos jornais da imprensa comercial em Fortaleza. A documentação da pesquisa é composta por fontes variadas: jornais, narrativas de trabalhadores e sindicalistas e bibliografia especializada. Ao realizar um estudo desta natureza, espera-se contribuir com a historiografia que investiga a criminalização do movimento operário por parte das instituições repressivas do Estado.

### **Anos 1980: uma década de luta**

---

<sup>2</sup> A pesquisa denomina-se: Um fio da meada: experiência e luta dos trabalhadores têxteis em Fortaleza (1987 – 1991), conta com apoio da CAPES e é orientada pela Professora Dra. Adelaide Gonçalves.

<sup>3</sup> A Fiação Nordeste do Brasil S/A – Finobrasa, foi fundada em dezembro de 1968, mas somente em abril de 1973 iniciou as atividades produtivas. Era uma Companhia com 50% das ações pertencentes a empresários cearenses (famílias Otoch e Baquit) e 50 % a industriais paulistas (famílias Steinbruch e Rabinovich – Grupo Vicunha. A empresa está localizada na Avenida Sargento Hermínio, zona oeste de Fortaleza. Em 1998 ela foi totalmente incorporada ao Grupo Vicunha, passando a ser denominada de Vicunha IV. A fábrica fechou em meados de 2008.

Ao analisar uma determinada realidade social, pelo viés histórico, é importante a contextualização. Neste sentido, torna-se imprescindível uma explanação sobre os anos 1980 no Brasil. A década de 1980 foi um período de lutas por redemocratização, reforma agrária, eleições diretas, Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, bandeiras democráticas inseridas em uma luta política mais ampla de construção de um novo projeto de sociedade, objetivando, mudanças econômicas, políticas e sociais, onde os trabalhadores tiveram um papel preponderante. Para Eder Sader, naquela época vivia-se a “[...] emergência dos novos atores sociais, das novas configurações e identidades dos trabalhadores no cenário público, no que parece o início de um outro período na história social de nosso país.” (SADER, 1988, p. 60).

Uma das marcas do período, a luta pela redemocratização, estava vivendo seu apogeu no final dos anos 1980, avivada pela expectativa da votação da “Constituição Cidadã”, marcada para o ano de 1988. A batalha pela redemocratização contribuiu para outras dimensões de luta, bem como para intensificar as reivindicações dos trabalhadores brasileiros. Como exemplo, a luta dos metalúrgicos do ABC paulista, personagens significativos no processo de ruptura do silêncio imposto pela ditadura, abrindo novos caminhos como nação democrática. (ANTUNES, 1992).

Acontecimento marcante na década de 1980, diz respeito às greves, algumas delas com repercussão em todo o país. (GEACIOLLI, 1994). Entre 1981 e 1990, foram registradas 15.822 greves no Brasil, sendo 2.137 só no ano de 1988 (MATTOS, 2009, p. 120). A greve de 1988, episódio significativo na trajetória dos têxteis da Finobrasa, ocorreu numa conjuntura em que várias outras categorias realizavam mobilizações pelo Brasil. De acordo com Marco Aurélio Santana, os anos 1980 foram marcados,

[...] pela ascensão do movimento dos trabalhadores e sua reaparição na cena política nacional. Em pleno período de esgotamento do regime militar e início da redemocratização, com sua articulação nacional de norte a sul do país em centrais sindicais, e um sem número de greves – locais e nacionais, específicas e gerais –, abrangendo categorias as mais diversas, pode-se dizer que política e organizativamente, essa foi uma “década sindical”, numa dinâmica de transição democrática, reorganização e mobilização da sociedade brasileira em geral. (SANTANA, 2004, p. 02).

Os eventos protagonizados pelos trabalhadores e outros setores da sociedade brasileira, naquele período, fizeram parte do contexto de luta por direitos civis e políticos, inclusão social e melhores condições de trabalho. Lutas que tinham se tornado mais visíveis, desde a década anterior, com o surgimento de grupos ativistas e militantes de causas como ecologia, mulheres, indígenas, homossexuais, ao lado do “ressurgimento” dos movimentos de trabalhadores urbanos e rurais e a luta pela reforma agrária. (ARAÚJO, 2000). O cotidiano dos brasileiros tornou-se permeado de vozes, músicas, reuniões, encontros, greves e repressão, enfim, um processo complexo, alimentado pela crença em um país melhor para todos (SALES, 2009).

### **O maio de 1988**

A categoria dos trabalhadores têxteis do Estado do Ceará realiza sua campanha salarial<sup>4</sup> no mês de maio. Em maio de 1988 a direção da Finobrasa não cumpriu um acordo firmado com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Fortaleza, referente ao reajuste salarial dos trabalhadores da empresa, quando então, os últimos foram conclamados à greve. A greve foi deflagrada no dia 03 de maio. De acordo com Antônio Ibiapino, presidente do Sindicato dos trabalhadores na época, na Finobrasa os trabalhadores desde o início da década de 1980 vivenciavam um crescente clima de insatisfação: almejavam melhores condições de trabalho e o direito de sindicalização. As reivindicações dos trabalhadores não foram atendidas e a greve foi deflagrada.

Exatamente, a greve aconteceu porque haviam muitos problemas na fábrica, o primeiro deles era a demissão por justa causa, falta de equipamentos de proteção individual, liberdade e dignidade no local de trabalho, não recebiam atestado médico, ameaça de todo tipo, e assim por diante. Em maio de 1988 começamos a campanha salarial, fizemos uma grande propaganda pelo fim da demissão por justa causa, pela refeição de qualidade, pelos equipamentos de proteção individual de boa qualidade, pelo reconhecimento dos atestados médicos, pelo fim do assédio sexual e moral, na época não se conheciam a palavra assédio moral e sim perseguição, de qualquer modo nós já combatíamos esses abusos. Uma das principais reivindicações era naturalmente o aumento de salário. Na negociação quase todas as reivindicações foram negadas, daí a frustração e a revolta. (Entrevista com Antonio Ibiapino, concedida ao autor em: 30/07/2008).

---

<sup>4</sup> Entende-se por campanha salarial a atividade onde todo ano em um determinado mês, as categorias de trabalhadores, representadas pelos seus sindicatos discutem com os órgãos representativos dos patrões as seguintes questões: aumento salarial, condições de trabalho, estabilidade empregatícia entre outras.

A agenda de reivindicações dos trabalhadores constava dos seguintes pontos: acréscimo de vinte por cento de ganho real em cima dos cem por cento de IPC, adicional de três por cento de produtividade, ganho adicional de insalubridade e periculosidade, fim das demissões por justa causa na condição de faltas, equipamento de proteção, fim do trabalho aos domingos. Portanto, uma pauta que inclui a demanda por reajuste salarial, acompanhada, de outras reivindicações, como as concernentes às condições de trabalho, ou aquelas que se referiam aos direitos garantidos por dispositivos legais, mas desrespeitados pelos patrões.

Atente-se ao ponto referente ao descanso dominical; uma antiga reivindicação dos trabalhadores no Ceará, estes, desde o final do século XIX, almejavam o fim do trabalho aos domingos, como pode ser observado nas reivindicações da Sociedade Phoenix Caixeiral, entidade fundada pelos trabalhadores do comércio (caixeiros), em Fortaleza, no ano de 1891: “A exigência da educação também tem para os caixeiros relação direta com as reivindicações por redução da jornada de trabalho, fim do trabalho noturno, fechamento das portas aos domingos”. (PINTO, 2008, p. 88).

Outra questão, fundamental para o desencadeamento da greve, foi o acirramento dos conflitos, desde o “chão da fábrica”, entre o chefe do setor de recursos humanos da empresa (Antonio Nunes Menezes) e os trabalhadores. Tanto nas narrativas dos trabalhadores, como em documentos existentes no Sindicato, encontram-se referências às falas e ações do chefe que motivaram a greve. Cumpre salientar que a presença de questões econômicas na pauta da greve é compatível com demandas políticas e luta por garantia de direitos. A greve dos têxteis em maio de 1988 teve várias motivações, e mesmo com o relevo dado aos fatores econômicos, uma análise mais acurada das diversas fontes revela que a dimensão do enfrentamento político também esteve presente.

Inicialmente a greve teve adesão maciça dos trabalhadores. Como afirma seu Tarcísio Araújo:

Paramos geral [...] começamos a greve as dez da noite. Tem a turma que entra dez da noite e sai seis da manhã, essa turma não entrou. A turma que entrava as dez, ficou cem por cento fora. Quando chegou a turma que entrava às seis da manhã, o pessoal também não entrou. As duas ficaram cem por cento paradas. A turma que entrava duas da tarde, também ninguém entrou. Então os três turnos ficaram parados. Eu sei que passou os cinco primeiros dias assim. Ai com cinco dias começaram a furar a greve. O pessoal fura greve, você sabe o que é furar greve? É voltar a trabalhar. Mas os cinco dias, foi cem por cento de paralisação. Não entrava ninguém,

aqueles que queriam entrar, a gente não deixava. (Entrevista com Tarcísio Araújo, concedida ao autor em 21 e 28/07/2008).

É importante frisar que mesmo existindo os *fura-greve*, não houve redução no nível de agitação e no ímpeto de mobilização dos trabalhadores que estavam em greve, pelo menos nos momentos iniciais (SALES, 2009). Nos primeiros cinco dias, a greve teve cem por cento de adesão dos trabalhadores; pela primeira vez, a fábrica paralisou completamente, desde que iniciara sua atividade produtiva em 1973. A paralisação modificou a rotina dos trabalhadores da Finobrasa, inclusive daqueles que não concordavam inteiramente com o movimento, como é o caso de seu João Batista, para quem a

[...] participação na greve era mais assim de, num vou dizer de apoio, mas era apoio, era realmente apoio porque eu não ia trabalhar. Nunca fui, no período todinho eu fiquei de fora. Mesmo sem fazer aqueles movimento, assim de passeata, essas coisas, a única passeata que eu fiz, foi da Igreja de São Judas até a 24 de Maio, que a gente foi pra fazer um movimento lá em frente, foi o único que eu fiz, mas eu ia todo dia na igreja, assim pra saber os assuntos, como tava acontecendo, informação até de quem furava a greve, isso aquilo outro... Porque na minha turma mesmo, teve colega meu que era na minha mesma situação, não era muito a favor e tal, esse pessoal não furou a greve e quando foram voltar ao trabalho, esse pessoal foi demitido. Rapaz, eu acho que foi importante, mas teve alguém que pagou, por isso. (Entrevista com João Batista, concedida ao autor em: 02/08/2008).

Com a experiência de oito anos de trabalho na fábrica, João Batista acompanhou o desenrolar da greve. Em seu relato firma a importância do movimento e deixa claro que mesmo não apoiando diretamente, participou assiduamente da greve, pois não foi trabalhar em nenhum dos 23 dias. Todos os dias “batia ponto” na Igreja de São Judas Tadeu, transformada em local de concentração dos grevistas. Sua restrição a greve refere-se à demissão dos colegas<sup>5</sup>, preço pago por alguns trabalhadores, inclusive pelos que não concordavam com o movimento paredista. A interpretação que João Batista faz da greve, remete ao que afirma o antropólogo Gilberto Velho, para este último “um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham”. (VELHO, 1999, p. 41).

Durante os vinte e três dias do movimento, os trabalhadores receberam manifestações de apoio e solidariedade por parte de vários setores militantes e socialmente engajados em Fortaleza. A greve dos têxteis de Fortaleza envolveu

---

<sup>5</sup> De acordo com as fontes pesquisadas, cerca de 800 trabalhadores foram demitidos pela Finobrasa, durante e logo após a greve.

diversos segmentos como religiosos e políticos, expressando em níveis e formas diversas sua solidariedade: declarações na imprensa em repúdio à violência, apoio logístico e simbólico, participação nas passeatas e atos públicos, doação de objetos para o fundo de greve, alimentação aos grevistas e suas famílias durante o período em que os “braços ficaram cruzados”, entre outras ações. O desenrolar da greve, remete ao que afirmou Michelle Perrot sobre as primeiras greves ocorridas na França, para ela a greve tinha uma dupla função, ou seja,

[...] a de ser um modo de expressão: estar junto e se fazer representar na sociedade com uma identidade em definitivo... Para além da reivindicação ou da defesa propriamente ditas, ela era a expressão de um grupo mais ou menos comunitário que, seguidamente, pela greve se tornava mais comunitário. (PERROT, 1996, p. 165).

Após várias tentativas frustradas de acordos, a greve chegou ao fim na tarde do dia 25 de maio. No dia 26 os trabalhadores retomavam a vida na fábrica. O movimento alcançou algumas conquistas: a não decretação de ilegalidade da greve, o pagamento dos dias parados (porém, descontados gradativamente em folha durante os meses que se seguiram a greve), percentual de cinco por cento de produtividade, reajuste de 47% do salário bruto, estabilidade de cinco meses para gestantes, além disso, questões como: adicional de insalubridade e periculosidade no trabalho, adicional noturno, entre outras, foram temas de debate em comissão paritária.

Contudo, pela ótica do autor deste texto, o que marcou de forma mais profunda o maio de 1988, foi a repressão policial sofrida pelos trabalhadores e pelos setores populares que os apoiavam. A greve ficou marcada pelo alto grau de violência praticada pela polícia. Nos tópicos a seguir, procura-se duas modalidades de reflexão, primeiro apresenta-se os relatos dos trabalhadores referentes à violência praticada pela polícia em um dia específico da greve e em segundo analisa-se como os jornais: Diário do Nordeste, O Povo, O Estado e Tribuna do Ceará, noticiaram os acontecimentos do dia nove de maio de 1988.

### **Violência expressa**

Neste tópico a atenção é direcionada para um episódio específico da greve dos 23 dias. Os fatos do dia 9 de maio de 1988 quando o sindicato dos trabalhadores da indústria têxtil de Fortaleza preparou uma ação de mobilização em

frente à fábrica Finobrasa, na Avenida Sargento Hermínio. Esta não foi uma manifestação como as demais, com discursos, músicas, passeatas e bandeiras da CUT, esta manifestação foi diferente. (SALES, 2009). Naquele dia a “*peia comia!*” Seu Tarcísio testemunhou a preparação, realização e os momentos de tensão deste dia de greve, ao ser indagado a respeito da dinâmica da greve eis o que responde:

A gente pra fazer manifestação, passava em frente à empresa, a polícia tentava impedir, começava aquele confronto e a peia comia [...] Teve um dia que até um Deputado chegou a apanhar da polícia, o Deputado João Alfredo. Eu tava no dia, só que na hora eu tinha [...], mas o João Alfredo apanhou, inclusive, no outro dia saiu uma manchete no jornal [...]. Teve colegas meus, que eu vi, eles apanharam mesmo, inclusive chegavam com hematomas [...], teve um colega nosso que apanhou, que chegou até a ir para o hospital [...]. Não faltava polícia lá, eram vinte e quatro horas, polícia em frente à empresa. (Entrevista com Tarcísio Araújo, concedida ao autor em 21 e 28/07/2008).

Outro trabalhador que ao narrar sua participação na greve refere-se aos acontecimentos do dia nove, é seu João Batista, afirmando a violência sobre os grevistas:

[...] a única greve que eu participei foi dessa, nesse sentido, de não ir trabalhar [...] de ir para Igreja (*local de concentração*), mas nunca acompanhei passeatas, graças a Deus. Passar pela frente da fábrica, eu nunca gostei também [...]. Um dia eu ia chegando lá na Igreja, com pouco tempo, lá vem gente com perna quebrada. Bateram nos trabalhadores, num movimento que eles passaram em frente da fábrica [...], tomaram até o crachá do João Alfredo que era deputado. (Entrevista com João Batista, concedida ao autor em: 02/08/2008).

A narrativa a seguir confirma a violência do conflito no dia 09 de maio e indica novos elementos ao estudo das formas de repressão acionadas desde o Estado:

Na época da greve, o superintendente da Finobrasa se chamava Nahmi Jereissati, primo do Tasso Jereissati (*Governador do Estado do Ceará, na época*), eles fecharam a Sargento Hermínio (*Avenida onde o prédio da Finobrasa está localizado*) [...] o Tasso Jereissati mandou um enorme contingente de soldados para frente da fábrica, eram três batalhões: um bem no portão da fábrica, outro na Avenida Dr. Themberge e outro na Avenida Olavo Bilac, de modos que a Avenida Sargento Hermínio ficou interditada, por ela não passava ninguém, isso durante 23 dias. Além do estado de sítio a violência era sem precedentes. Um dia nós tiramos a resolução de passar, mas não conseguimos, de um lado tínhamos dois mil trabalhadores desarmados e do outro um grande contingente de soldados armados, houve muitos tiros, resultando em várias pessoas feridas, entre os quais alguns foram hospitalizados [...], tivemos cerca de 9 a 12 pessoas feridas, foi perna quebrada, etc. e tal. De modos que teve esse combate e teve toda a violência, toda truculência [...]. Foi uma greve muito forte e terrivelmente violenta. (Entrevista com Antonio Ibiapino, concedida ao autor em: 30/07/2008).

Baseado nas narrativas, pode-se afirmar que dentre os episódios da greve, um deles está enraizado na memória coletiva dos seus participantes: a violência praticada pelos policiais no dia 09 de maio de 1988.

### **Violência impressa**

Como foi visto, a presença da polícia no entorno da fábrica e o grau de violência praticada é marcante para trabalhadores e sindicalistas entrevistados. A partir deste ponto o propósito é mostrar como os jornais Diário do Nordeste, O Povo, Tribuna do Ceará e O Estado noticiaram o conflito envolvendo grevistas, policiais e militantes sociais solidários aos trabalhadores.

No Diário do Nordeste, por exemplo, não existe referência a violência praticada pelos policiais na segunda-feira, 09 de maio. No dia seguinte, terça-feira, o jornal não publicou nenhuma notícia sobre o acontecimento. A única referência que o Diário do Nordeste fez ao conflito, foi publicada dois dias após, na quarta feira, dia 11. Uma pequena matéria que não tratava do episódio em si, mas da não concretização de acordo entre patrões e empregados; na última frase da matéria lê-se o seguinte: “O clima durante todo o dia (**dia 10**) esteve calmo, após o conflito entre policiais e trabalhadores ocorrido na última segunda-feira”. (grifo nosso). (Diário do Nordeste, 11 de maio de 1988).

O jornal O Povo, no dia 10 de maio em manchete da capa estampa a notícia: “*Policiais militares agredem deputado*”. Ainda na capa, foi publicada uma nota assinada pelo Comandante Geral da Polícia Militar do Ceará, Coronel José Israel Cintra Austregésilo, esclarecendo as medidas tomadas pelo Comando Geral da Polícia Militar em relação ao episódio do dia nove. De acordo com a nota, o Tenente Flares, responsável pela tropa envolvida em atritos com o deputado João Alfredo e grevistas, quando 12 dos últimos ficaram feridos, foi afastado, até que o caso fosse “elucidado em toda a sua dimensão”. Na página dois, o jornal traz a matéria completa sobre a agressão sofrida pelo deputado. Na matéria, evidencia-se que o parlamentar foi agredido com insultos e pancadas de cassetete nas costas, ao tentar socorrer um trabalhador desmaiado que estava sendo carregado por policiais militares. No episódio o deputado teve ainda a sua carteira de parlamentar rasgada.

No dia 11 de maio, a principal manchete do jornal é sobre as consequências internas à Polícia Militar, dos acontecimentos do dia nove: “Violência causa punição

de quatro coronéis da policia”. A matéria completa está na página 14, onde se apresenta a crise de insubordinação vivenciada na Policia, explicitada na ação do dia nove, quando um parlamentar foi agredido. A matéria enfatiza também as trocas ocorridas no comando de diversos setores da instituição, motivadas pelo fato. Ainda no dia 11, na página dois, dedicada a questões políticas, uma matéria sobre a repercussão do fato na Assembléia Legislativa. A matéria repercute o ponto de vista de diversos parlamentares e sua manifestação de apoio ao parlamentar agredido.

É de se perceber as “nuances” do foco editorial do jornal O Povo; ao noticiar a violência praticada pela Policia Militar do Estado do Ceará, no dia nove de maio de 1988, contra os trabalhadores em greve, enfatiza a violência sofrida pelo deputado João Alfredo e a repercussão se dá como fato da política no parlamento e na estrutura interna da Policia Militar. Pouquíssima atenção é dada a repressão contra os trabalhadores, estes sim, o alvo da polícia acionada pelo Estado em salvaguarda à “ordem” requerida pelos patrões. Uma ironia por impreso: se não fosse a Nota do Comando da Policia Militar, publicada na edição do jornal no dia 10, quem lesse o jornal nos dias seguintes à manifestação não ficaria sabendo que doze trabalhadores tinham ficado feridos durante o episódio. Esta “dor não saiu no jornal”. No relato do jornal é omitido o nome da empresa onde o fato ocorreu; ao identificar o local onde os acontecimentos tinham se desenrolado, aparece “uma indústria do setor têxtil”; em nenhum momento aparece o nome da Finobrasa.

Os acontecimentos do dia nove iam repercutindo na imprensa de Fortaleza, no jornal Tribuna do Ceará, em uma das manchetes na primeira página do dia 10 de maio, anuncia-se: “Deputado agredido na greve dos têxteis”. Na página 12, tem-se a matéria completa sobre o episódio, o jornal faz uma narração dos acontecimentos do dia anterior, evidenciando a atuação da policia, dos grevistas e de outras personagens que participaram do movimento como o deputado João Alfredo e a professora Rosa da Fonseca. Na mesma matéria, faz-se menção a versão de alguns policiais, quando afirmam o óbvio nestes episódios de desmando policial: primeiro foram agredidos pelos grevistas e só depois revidaram! Ainda no dia 10, na capa, vê-se a nota de esclarecimento do Comando Geral da Policia Militar, similar a publicada no jornal O Povo da mesma data.

Na quarta-feira, dia 11 o Tribuna do Ceará publica na capa as seguintes manchetes: “Têxteis não chegam a acordo para acabar a greve” e “Mudança no

comando operacional da PM”. As matérias completas estão na página 11, em ambas existem referências a violência sofrida por trabalhadores e o parlamentar. No que tange as mudanças no comando de setores da PM, segundo o jornal, elas foram motivadas pela comprovação dos “excessos” praticados pelos policiais durante a manifestação dos trabalhadores da Finobrasa no dia nove.

A repressão sofrida pelos trabalhadores e militantes que apoiaram os grevistas passou a ser vista e criticada pela população cearense, principalmente a partir da divulgação na imprensa dos fatos ocorridos, como demonstra a manchete da capa do Jornal Tribuna do Ceará do dia 12: “Povo condena violência da polícia”. Na página 11, vê-se a matéria completa, onde o jornal apresenta a opinião de vários fortalezenses condenando a ação da polícia, não só no episódio da greve dos têxteis, mas em outras situações cotidianas onde a polícia agiu de forma violenta.

Ao comparar a cobertura dos fatos feita pelos jornais Tribuna do Ceará e O Povo, observa-se uma diferença entre eles, enquanto o segundo evidenciou a violência contra João Alfredo e a repercussão do fato na Assembléia Legislativa e dentro da PM, sem ênfase na repressão aos trabalhadores, o primeiro tratou dos fatos dando algum relevo a violência sofrida pelos grevistas e noticiando a Finobrasa como lugar onde o episódio aconteceu, como se observa:

[...], a manifestação transformou-se em tumulto quando a Polícia Militar foi acionada e entrou em atrito com os manifestantes. Tudo começou quando a passeata se encaminhava para Finobrasa, fábrica de fiação localizada à Avenida Sargento Hermínio [...]. (Tribuna do Ceará, Terça-feira, 10 de maio de 1988, p. 12).

Por último temos o jornal O Estado, este logo na primeira página do dia 10 de maio, apresenta em manchete a agressão contra o deputado estadual João Alfredo e também estampa, em letras graúdas a seguinte manchete: “Greve no setor têxtil: POLICIA REPRIME MOVIMENTO COM CASSETETE E LACRIMOGÊNIO”. Portanto, a violência praticada contra os trabalhadores é notícia de primeira página:

Na Finobrasa, operários foram espancados por policiais... o deputado João Alfredo foi agredido moralmente e fisicamente por policiais em frente a Finobrasa [...], treze trabalhadores foram violentamente agredidos por um batalhão de choque, que usaram cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo para dispersar a manifestação dos grevistas [...]. (O Estado, Terça-feira, 10 de maio de 1988, p. 01).

A matéria completa pode ser lida na página 10, onde é informado que, durante a manifestação, vários grevistas foram espancados pelos policiais, sendo que vários deles foram levados ao hospital Instituto Dr. José Frota – IJF, quatro em

estado grave. Pode-se ver ainda a solidariedade de setores da sociedade fortalezense, como membros da Igreja Católica e políticos, principalmente, o grupo da então prefeita de Fortaleza Maria Luíza Fontenelle. Ainda na página de número 10, O Estado registra imagens de policiais cercando a fábrica e de políticos em um ato de apoio ao movimento dos trabalhadores.

No dia seguinte, 11 de maio, na primeira página, o jornal traz uma manchete sobre a troca de comando na Polícia Militar. No mesmo dia, na página de número dois, uma matéria específica sobre a agressão sofrida pelo deputado e a repercussão do acontecido no meio político do Estado. Na página sete uma reportagem completa referente às mudanças em vários setores da polícia “ [...] tendo em vista os últimos acontecimentos envolvendo policiais militares [...] onde, em princípio, ficaram comprovados os excessos praticados por parte de integrantes da PM”. (O Estado, 10 de maio de 1988, p. 07).

Na quarta-feira, dia 12, o jornal O Estado continua a cobertura dos fatos do dia nove de maio; na primeira página, publica manchete sobre um ato de protesto realizado na noite do dia anterior, na Praça José de Alencar no centro de Fortaleza, em apoio aos grevistas da Finobrasa que vinham sofrendo severa repressão, inclusive espancamentos, como no episódio da segunda-feira, 09 de maio. Juntamente com a manchete, o jornal publicou uma foto onde aparecem alguns trabalhadores com braços e pernas quebrados e com gesso, em razão do espancamento policial.

A matéria completa pode ser lida na página 10, noticiando o Ato Público de protesto que contou com a participação dos metalúrgicos que também estavam em greve. O jornal evidencia a fala de sindicalistas e políticos que cobravam a apuração dos fatos e a punição dos policiais responsáveis pelos atos repressivos da segunda-feira. Na mesma matéria, são descritos outros casos de violência policial contra os grevistas, ocorridos nos dias 10 e 11 de maio e a posição de membros da Igreja Católica em relação à atitude da polícia. Algumas imagens do ato foram publicadas no corpo da matéria, nelas aparecem faixas com inscrições do tipo: “Abaixo a repressão do Gov. Tasso Jereissati”.

Dentre os jornais analisados O Estado, é o que dá maior evidencia a repressão sofrida pelos trabalhadores. A agressão ao deputado João Alfredo e a troca no comando da PM são tratadas com menor ênfase. De acordo com o

periódico, a violência policial tinha se tornado algo corriqueiro no período, além dos têxteis, outros operários, jornalistas, políticos, professores, estudantes e o próprio jornal, que teve os pneus de seu carro de reportagem furados, ao se aproximar da Finobrasa no dia 09 de maio, foram vítimas da Polícia. Este jornal procura associar a atitude violenta da polícia a conivência do governador Tasso Jereissati.

### **Considerações finais**

O trabalhador grevista Tarcísio Araújo acompanhou de forma ampla a dinâmica da greve. Em sua fala, a greve emerge, também, em seu desdobramento de formação para a luta, como um processo educativo, quando se refletia, se discutia sobre os diversos assuntos que matizavam a conjuntura, inclusive sobre a cobertura da imprensa local. (SALES, 2009). Mais de vinte anos depois daquela greve, Tarcísio Araújo rememora alguns momentos na igreja de São Judas Tadeu, durante o período de greve. Um desses momentos é o dos jornais do dia, passando de mão em mão e a greve “por escrito” é lida deste modo:

[...] liamos jornal todo dia. Compravam cada tipo de jornal: “Tribuna”, “O Povo” e tinha o “Diário”. O pessoal da direção da greve, diziam: “vamos ver as manchetes hoje”. Aquele jornal ia passando, tinha o dia todinho pra gente ver, não tava trabalhando mesmo [...]. Dependendo do jornal, distorcia as coisas, por exemplo, o “Diário do Nordeste”, ele sempre puxava mais para o lado da empresa, nunca divulgava, os jornais que divulgavam mesmo na totalidade era “O Estado” e o “Tribuna do Ceará”, mas “O Povo” e o “Diário”, eles sempre distorciam algumas coisas. (Entrevista com Tarcísio Araújo, concedida ao autor em 21 e 28/07/2008).

Observando os periódicos percebe-se que seu Tarcísio tem razão ao afirmar que o “Diário do Nordeste” nunca divulgava, “O Povo” distorcia as coisas e que o “Tribuna do Ceará” e “O Estado” divulgavam os acontecimentos de forma mais ampla. Tudo leva a crer que os jornais publicaram, ou deixaram de publicar matérias sobre a repressão policial aos grevistas, de acordo com o grau de envolvimento entre os proprietários dos periódicos e a Finobrasa.

Em fim, mesmo sofrendo dura repressão, a primeira greve da Finobrasa representou um marco na trajetória, não apenas dos trabalhadores da referida fábrica, mas de toda a categoria têxtil no Estado do Ceará. Um momento em que diversos sujeitos com suas respectivas experiências, articularam-se em torno de interesses comuns e plurais, mas acima de tudo em oposição a outros homens que tinham interesses contrastantes dos seus.

Para Thompson a experiência de classe está relacionada com a experiência de produção em que os homens nasceram ou entraram voluntariamente ou não. Já a consciência de classe é a forma como esses homens articulam a sua experiência de classe em termos culturais, a experiência pode ser determinada à consciência não. (THOMPSON, 2004, p. 10). Dessa forma, a greve de 1988 foi fundamental na construção da consciência de classe<sup>6</sup> dos têxteis da Finobrasa.

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. **O Confronto Operário no ABC Paulista: as greves de 1978/80**. 2ª. Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no Mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GRACIOLLI, Edilson José. **A ponta de um iceberg: a greve na CSN em novembro/88**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Dissertação de mestrado em Sociologia).

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. A formação dos times de futebol proletário e as intervenções das elites. In: NEVES, Frederico de Castro; SALES, Telma Bessa; GADELHA, Georgiana (Orgs.). **História: memórias no plural**. Fortaleza: Venus Gráfica e Editora, 2008. Pp. 79-98.

PERROT, Michelle. A história feita de greves, excluídos & mulheres (entrevista). In: **Tempo Social**. São Paulo: USP, vol. 08, nº. 02, 1996, pp. 191-200.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

---

<sup>6</sup> Entenda-se classe a partir das reflexões de Edward Palmer Thompson, no livro *A formação da classe operária Inglesa: a árvore da liberdade*. Nele o autor destaca o processo de criação de uma cultura de classe através das lutas sociais, do próprio movimento de fazer-se da classe. Esta não é uma categoria, e sim, uma relação. É um processo, a experiência em seu fazer-se.

SALES, Telma Bessa. Tecelões de histórias: trabalhadores têxteis e a greve de 23 dias. In: *anais do XXV Simpósio Nacional de História – ANPUH: história e ética*. Fortaleza: ANPUH-CE, 2009.

SANTANA, Marco Aurélio. Memórias de aço: trabalho e luta na fala dos metalúrgicos do Sul fluminense. Volta Redonda nos anos 1980. In: *anais do XI Encontro Regional de História – ANPUH- Rio: democracia & conflito*. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2004.

THOMPSON. Edward Palmer. **A formação da classe operária Inglesa: a árvore da liberdade**. Vol. I. Tradução: Denise Bottman. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.